

São
Bento

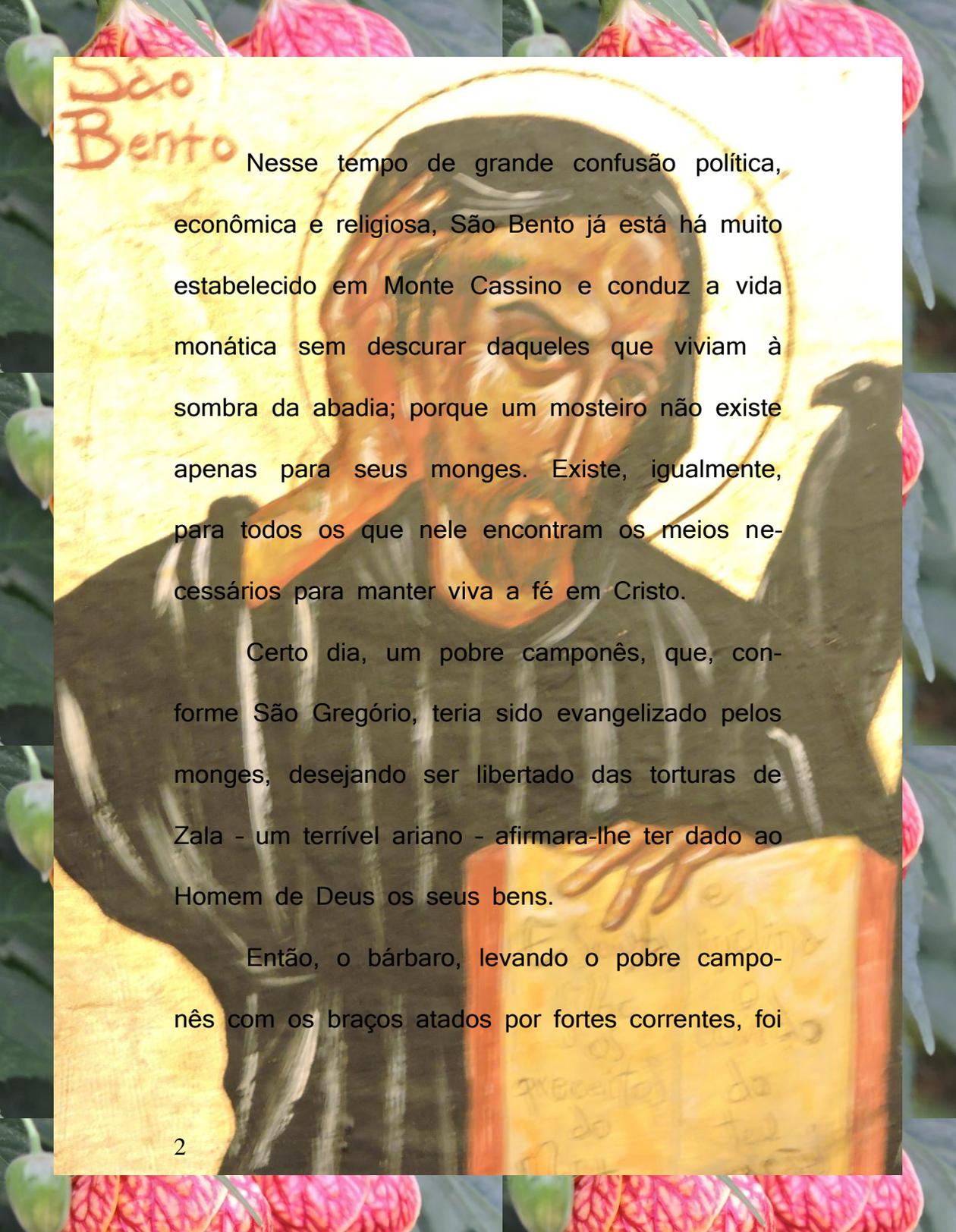
Solenidade de NP São Bento
Reflexão sobre a vida monástica de São
Bento.

O camponês liberto só pelo olhar de
Bento

11 de julho de 2016

Caríssimos Irmãos:

Os arianos, que ocupavam a península itálica, usavam de violência e crueldade para com as igrejas, mosteiros, bispos e clérigos. Arrasavam e incendiavam os edifícios, e muitos fiéis eram frequentemente torturados até a morte. Parecia que suplantariam a fé católica.

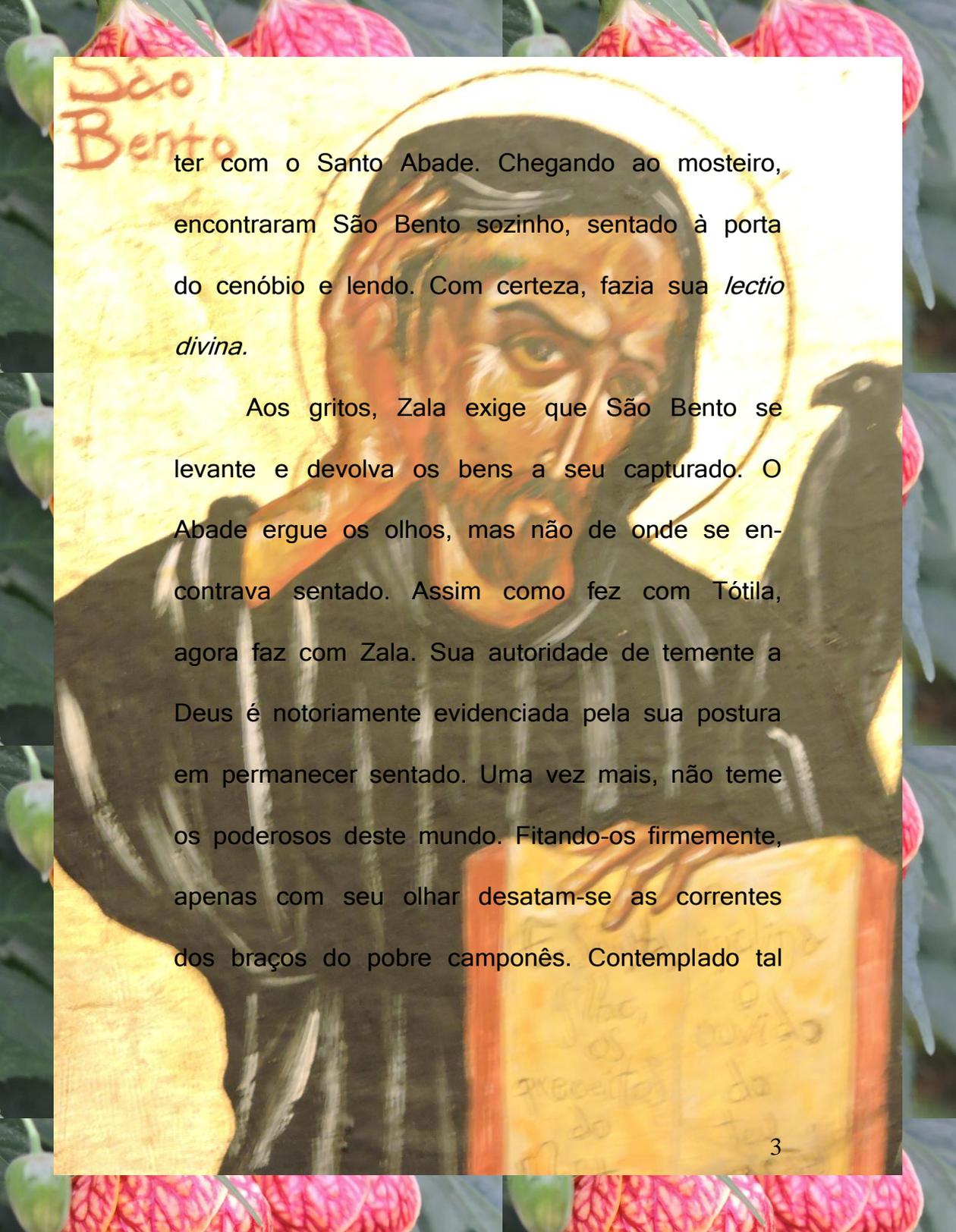


São Bento

Nesse tempo de grande confusão política, econômica e religiosa, São Bento já está há muito estabelecido em Monte Cassino e conduz a vida monástica sem descuidar daqueles que vivem à sombra da abadia; porque um mosteiro não existe apenas para seus monges. Existe, igualmente, para todos os que nele encontram os meios necessários para manter viva a fé em Cristo.

Certo dia, um pobre camponês, que, conforme São Gregório, teria sido evangelizado pelos monges, desejando ser libertado das torturas de Zala - um terrível ariano - afirmara-lhe ter dado ao Homem de Deus os seus bens.

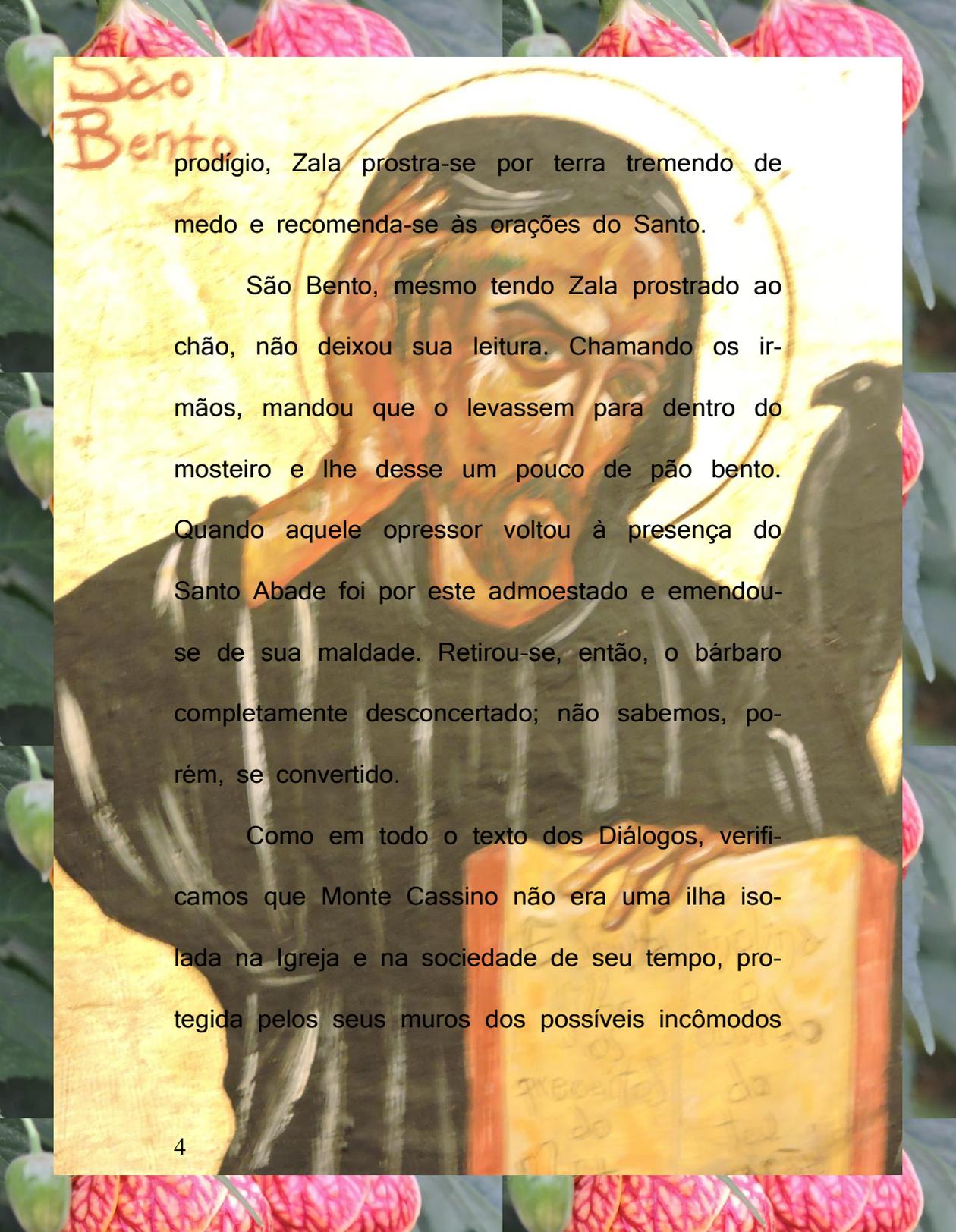
Então, o bárbaro, levando o pobre camponês com os braços atados por fortes correntes, foi



São
Bento

ter com o Santo Abade. Chegando ao mosteiro, encontraram São Bento sozinho, sentado à porta do cenóbio e lendo. Com certeza, fazia sua *lectio divina*.

Aos gritos, Zala exige que São Bento se levante e devolva os bens a seu capturado. O Abade ergue os olhos, mas não de onde se encontrava sentado. Assim como fez com Tótilla, agora faz com Zala. Sua autoridade de temente a Deus é notoriamente evidenciada pela sua postura em permanecer sentado. Uma vez mais, não teme os poderosos deste mundo. Fitando-os firmemente, apenas com seu olhar desatam-se as correntes dos braços do pobre camponês. Contemplado tal

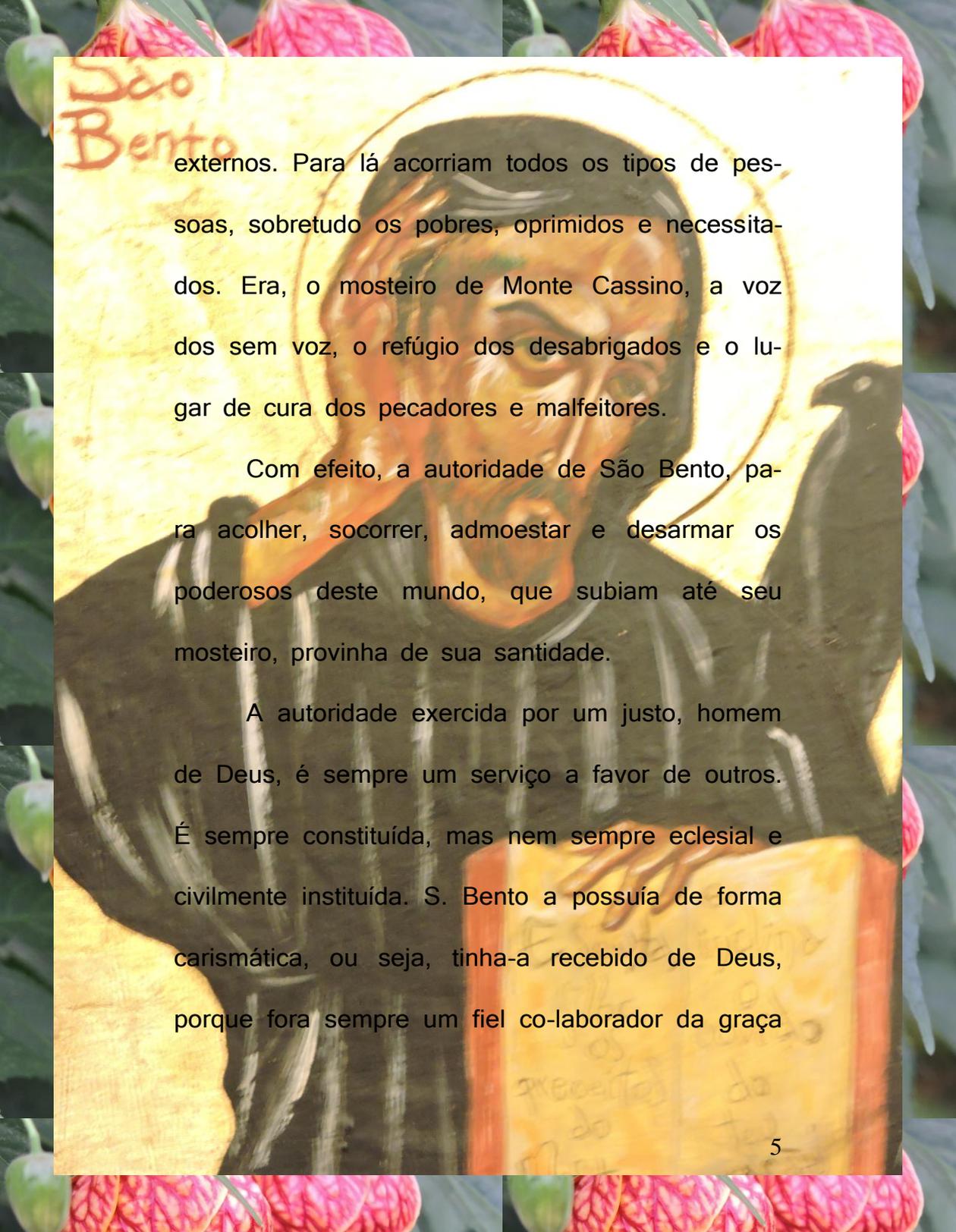


São
Bento

prodígio, Zala prostra-se por terra tremendo de medo e recomenda-se às orações do Santo.

São Bento, mesmo tendo Zala prostrado ao chão, não deixou sua leitura. Chamando os irmãos, mandou que o levassem para dentro do mosteiro e lhe desse um pouco de pão bento. Quando aquele opressor voltou à presença do Santo Abade foi por este admoestado e emendou-se de sua maldade. Retirou-se, então, o bárbaro completamente desconcertado; não sabemos, porém, se convertido.

Como em todo o texto dos Diálogos, verificamos que Monte Cassino não era uma ilha isolada na Igreja e na sociedade de seu tempo, protegida pelos seus muros dos possíveis incômodos

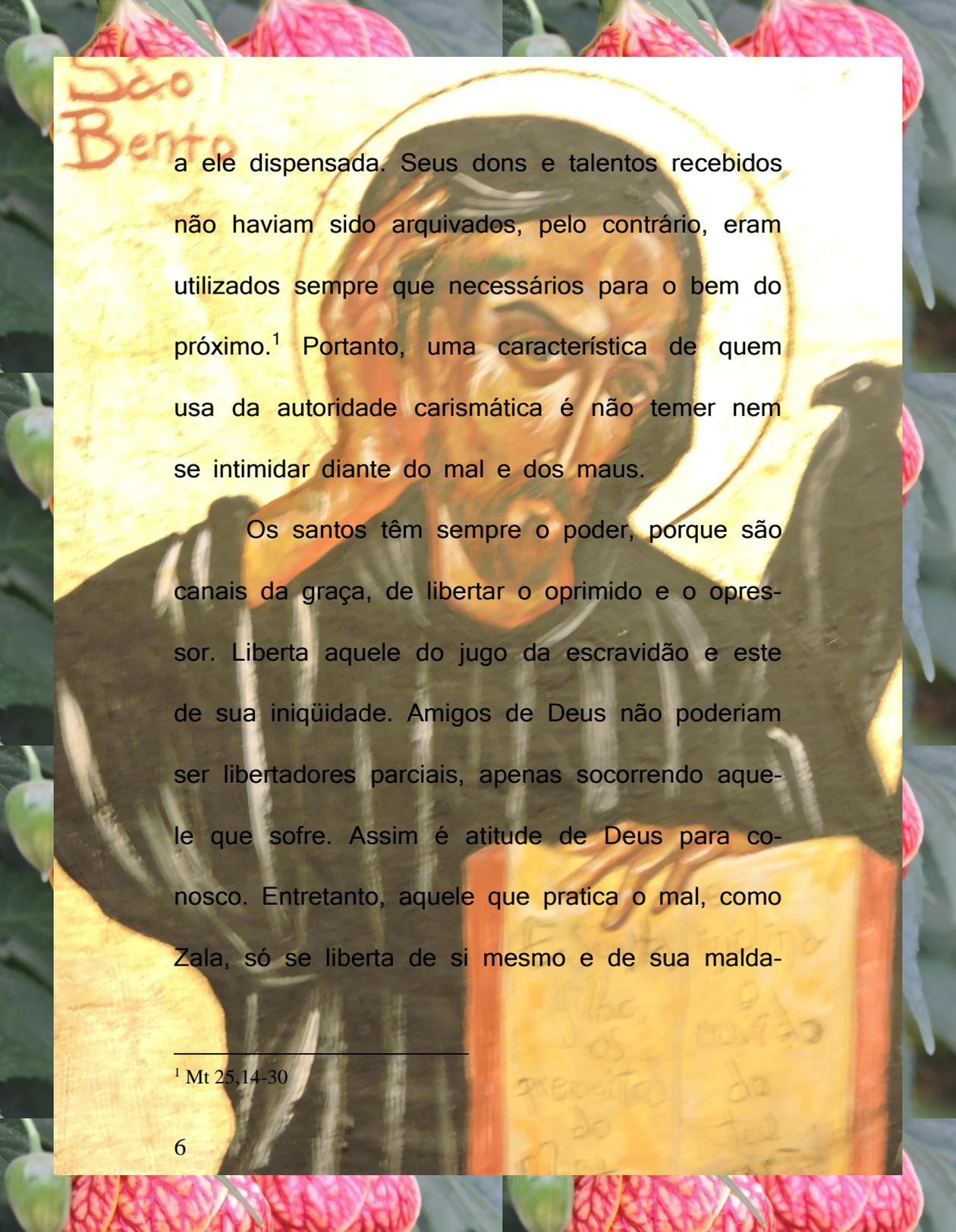


São
Bento

externos. Para lá acorriam todos os tipos de pessoas, sobretudo os pobres, oprimidos e necessitados. Era, o mosteiro de Monte Cassino, a voz dos sem voz, o refúgio dos desabrigados e o lugar de cura dos pecadores e malfeitores.

Com efeito, a autoridade de São Bento, para acolher, socorrer, admoestar e desarmar os poderosos deste mundo, que subiam até seu mosteiro, provinha de sua santidade.

A autoridade exercida por um justo, homem de Deus, é sempre um serviço a favor de outros. É sempre constituída, mas nem sempre eclesial e civilmente instituída. S. Bento a possuía de forma carismática, ou seja, tinha-a recebido de Deus, porque fora sempre um fiel co-laborador da graça

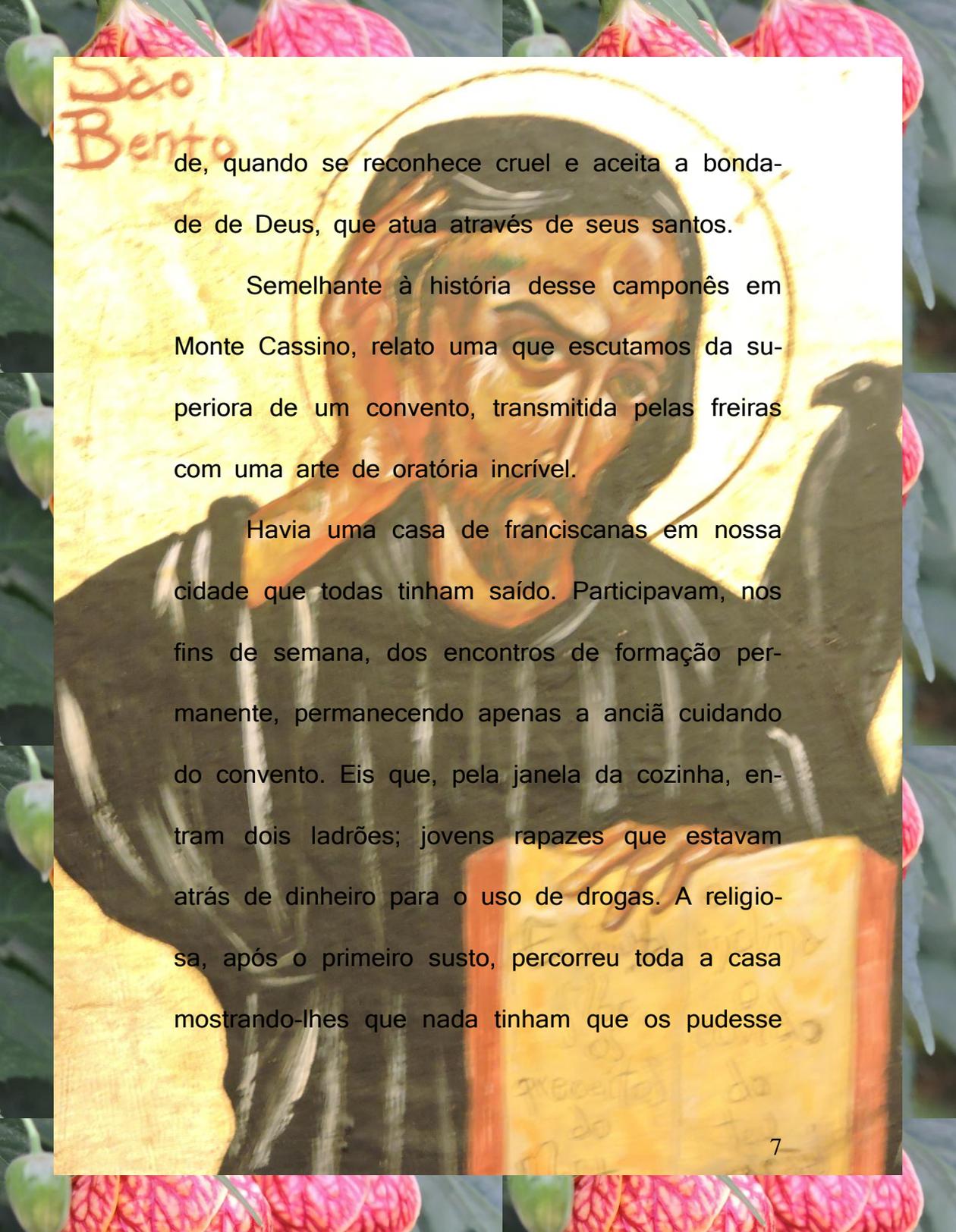


São
Bento

a ele dispensada. Seus dons e talentos recebidos não haviam sido arquivados, pelo contrário, eram utilizados sempre que necessários para o bem do próximo.¹ Portanto, uma característica de quem usa da autoridade carismática é não temer nem se intimidar diante do mal e dos maus.

Os santos têm sempre o poder, porque são canais da graça, de libertar o oprimido e o opressor. Liberta aquele do jugo da escravidão e este de sua iniquidade. Amigos de Deus não poderiam ser libertadores parciais, apenas socorrendo aquele que sofre. Assim é atitude de Deus para conosco. Entretanto, aquele que pratica o mal, como Zala, só se liberta de si mesmo e de sua malda-

¹ Mt 25,14-30

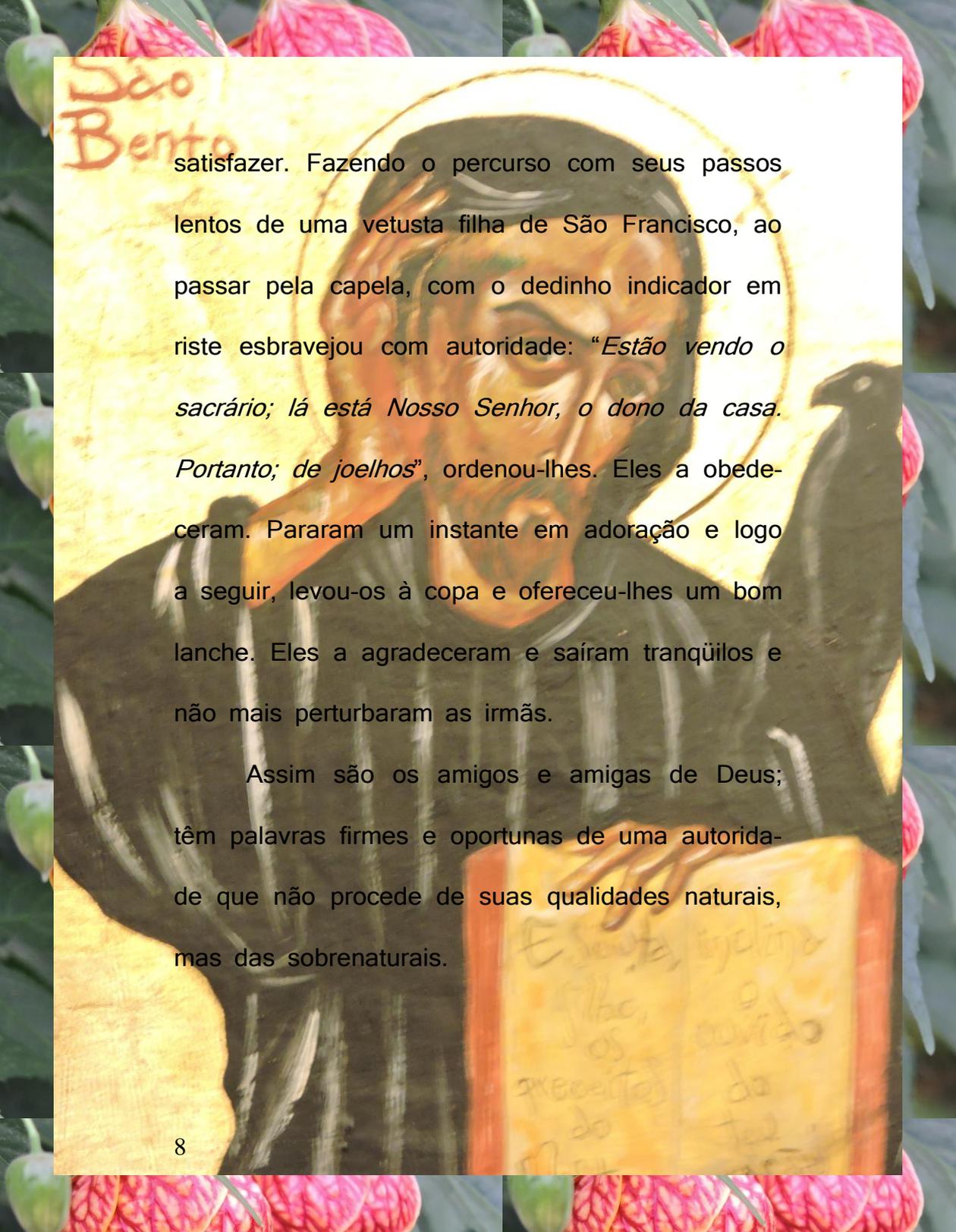


São
Bento

de, quando se reconhece cruel e aceita a bondade de Deus, que atua através de seus santos.

Semelhante à história desse camponês em Monte Cassino, relato uma que escutamos da superiora de um convento, transmitida pelas freiras com uma arte de oratória incrível.

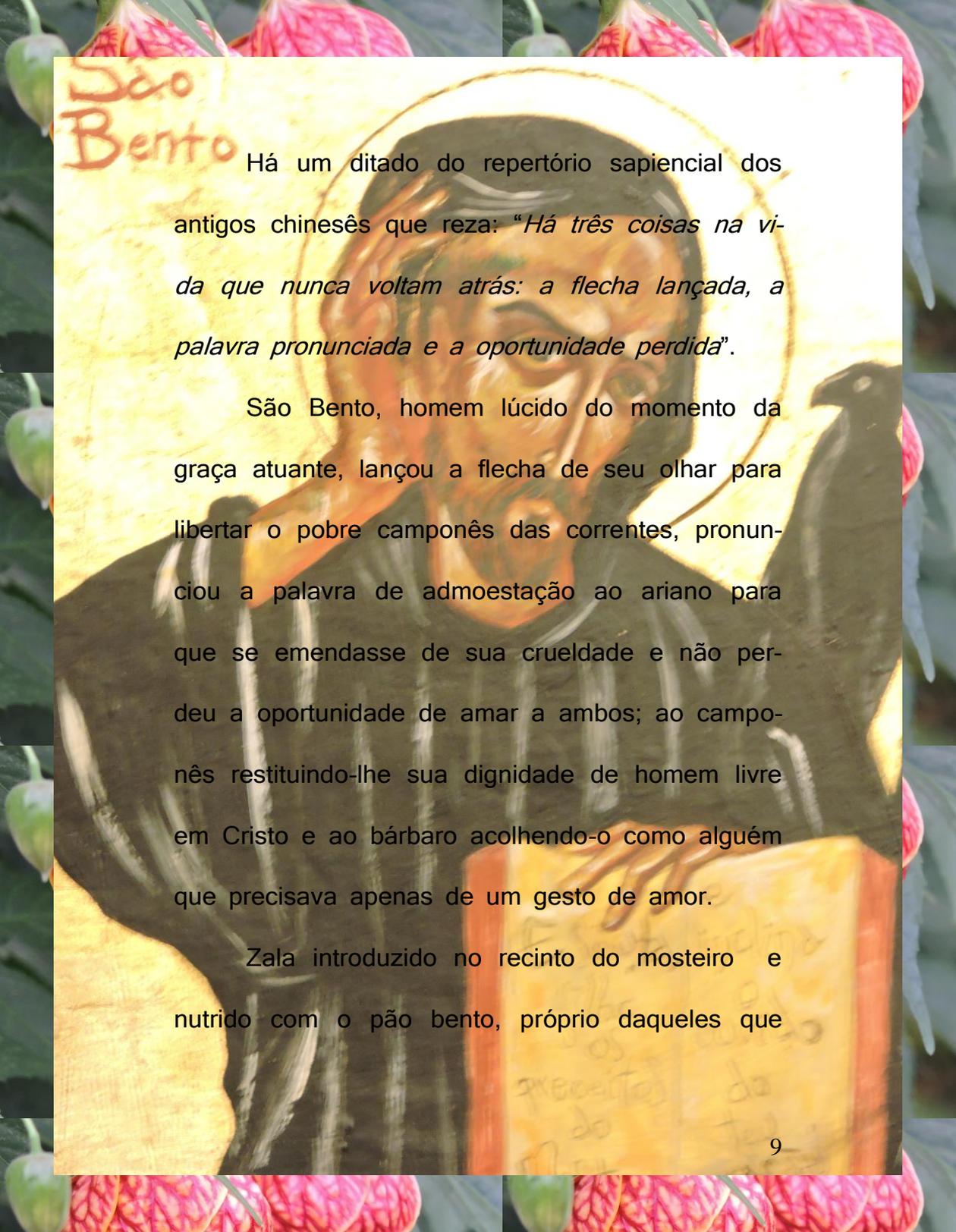
Havia uma casa de franciscanas em nossa cidade que todas tinham saído. Participavam, nos fins de semana, dos encontros de formação permanente, permanecendo apenas a anciã cuidando do convento. Eis que, pela janela da cozinha, entram dois ladrões; jovens rapazes que estavam atrás de dinheiro para o uso de drogas. A religiosa, após o primeiro susto, percorreu toda a casa mostrando-lhes que nada tinham que os pudesse



São
Bento

satisfazer. Fazendo o percurso com seus passos lentos de uma vetusta filha de São Francisco, ao passar pela capela, com o dedinho indicador em riste esbravejou com autoridade: *“Estão vendo o sacrário; lá está Nosso Senhor, o dono da casa. Portanto; de joelhos”*, ordenou-lhes. Eles a obedeceram. Pararam um instante em adoração e logo a seguir, levou-os à copa e ofereceu-lhes um bom lanche. Eles a agradeceram e saíram tranqüilos e não mais perturbaram as irmãs.

Assim são os amigos e amigas de Deus; têm palavras firmes e oportunas de uma autoridade que não procede de suas qualidades naturais, mas das sobrenaturais.

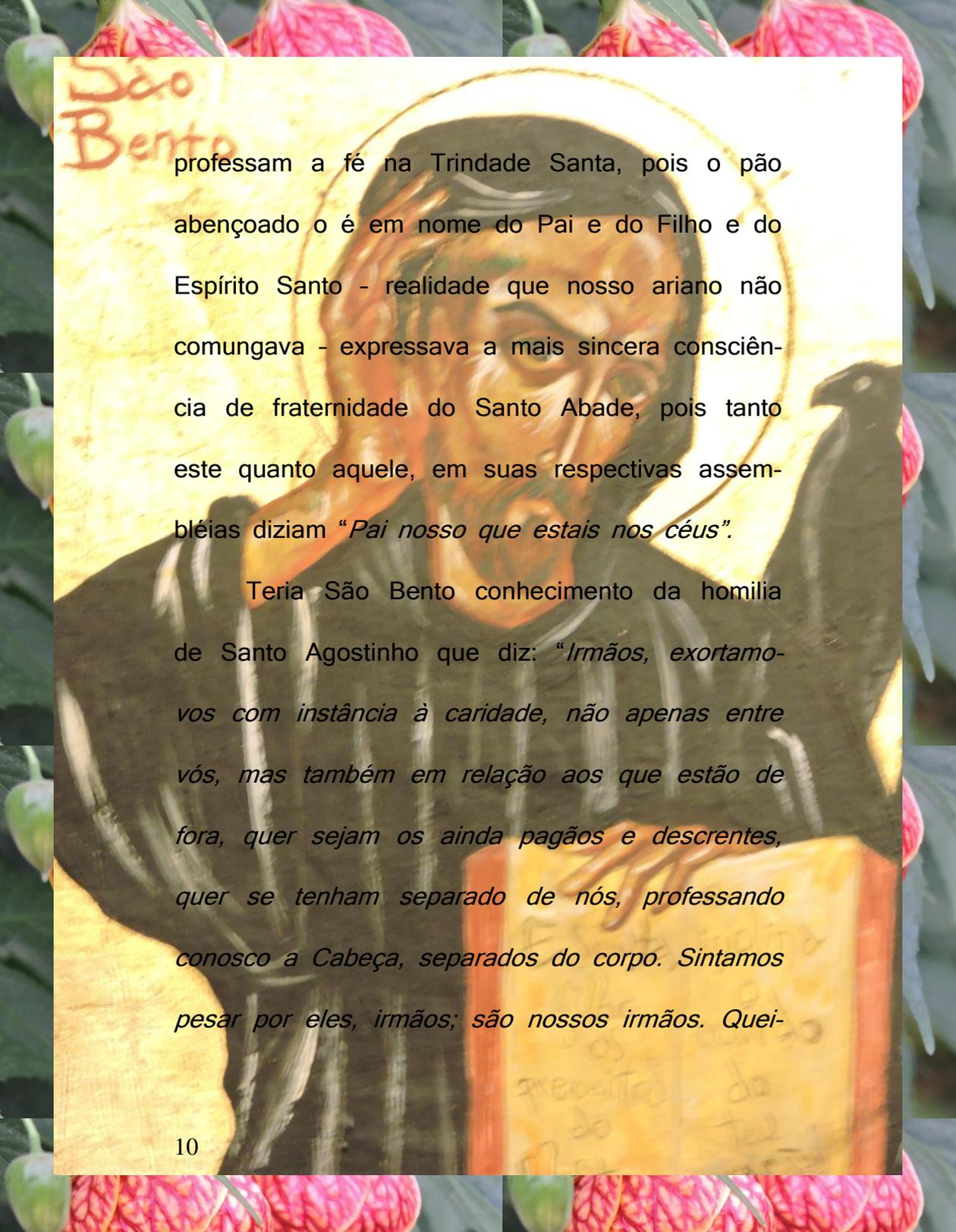


São
Bento

Há um ditado do repertório sapiencial dos antigos chinesês que reza: *“Há três coisas na vida que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida”*.

São Bento, homem lúcido do momento da graça atuante, lançou a flecha de seu olhar para libertar o pobre camponês das correntes, pronunciou a palavra de admoestação ao ariano para que se emendasse de sua crueldade e não perdeu a oportunidade de amar a ambos; ao camponês restituindo-lhe sua dignidade de homem livre em Cristo e ao bárbaro acolhendo-o como alguém que precisava apenas de um gesto de amor.

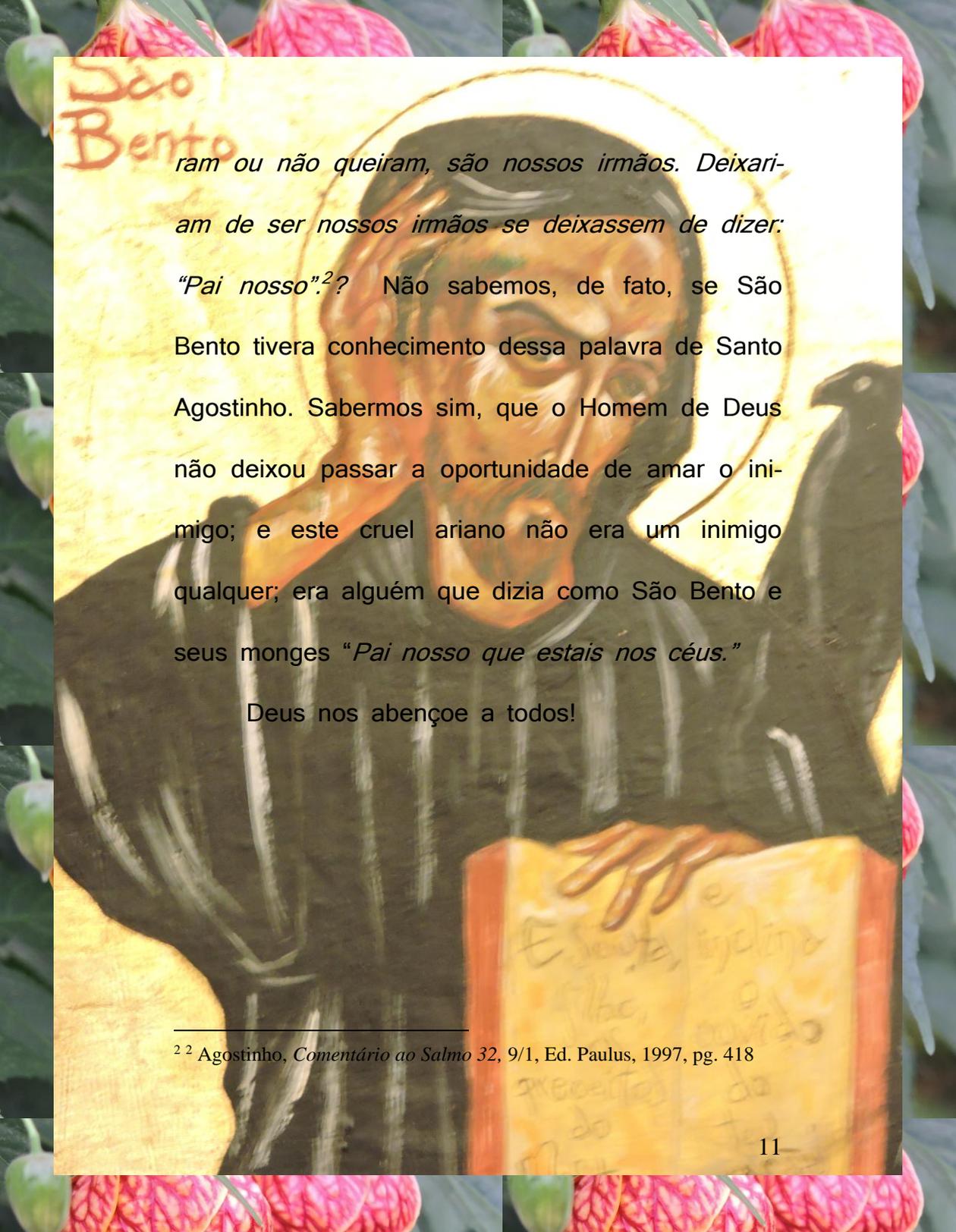
Zala introduzido no recinto do mosteiro e nutrido com o pão bento, próprio daqueles que



São
Bento

professam a fé na Trindade Santa, pois o pão abençoado o é em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo - realidade que nosso ariano não comungava - expressava a mais sincera consciência de fraternidade do Santo Abade, pois tanto este quanto aquele, em suas respectivas assembleias diziam *"Pai nosso que estais nos céus"*.

Teria São Bento conhecimento da homilia de Santo Agostinho que diz: *"Irmãos, exortamos com instância à caridade, não apenas entre vós, mas também em relação aos que estão de fora, quer sejam os ainda pagãos e descrentes, quer se tenham separado de nós, professando conosco a Cabeça, separados do corpo. Sintamos pesar por eles, irmãos; são nossos irmãos. Quei-*



São
Bento

*ram ou não queiram, são nossos irmãos. Deixariam de ser nossos irmãos se deixassem de dizer: "Pai nosso".²² Não sabemos, de fato, se São Bento tivera conhecimento dessa palavra de Santo Agostinho. Sabemos sim, que o Homem de Deus não deixou passar a oportunidade de amar o inimigo; e este cruel ariano não era um inimigo qualquer; era alguém que dizia como São Bento e seus monges *"Pai nosso que estais nos céus."**

Deus nos abençoe a todos!

²² Agostinho, *Comentário ao Salmo 32*, 9/1, Ed. Paulus, 1997, pg. 418